

Acerca de uma antigualha oferecida ao *Museu Ethnologico Português*: um molde de amuleto inédito, proveniente da Silves islâmica

MARIA JOSÉ GONÇALVES*

MOSTAFA ZEKRI**

RESUMO

Pedro Paulo Mascarenhas Júdice (1875-1944) era um Engenheiro Agrônomo, natural de Silves, fortemente interessado na história da cidade e na preservação dos seus monumentos. Em circunstâncias indeterminadas travou conhecimento com José Leite de Vasconcelos, com quem mantém uma relação de cerca de 23 anos, testemunhada pela correspondência trocada, que se conserva na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia. Durante este longo período, o benemérito silvense deposita no Museu Etnológico Português quantidade significativa de antigualhas, provenientes sobretudo de Silves, mas também de outros locais do Algarve, chegando mesmo a ver exposto o conjunto numa vitrina do referido museu.

De entre as peças por si oferecidas ou depositadas, surge um pequeno molde de amuleto, em ardósia, contendo uma inscrição árabe, que até hoje se mantinha inédito.

Neste estudo, para além de referirmos algumas curiosidades extraídas das cartas de Mascarenhas Júdice a Leite de Vasconcelos, apresentamos o objecto referido, uma proposta de leitura e tradução da inscrição, bem como a sua contextualização sociocultural e tipológica.

Palavras-chave: Silves – Época Islâmica – Molde – Amuleto – José Leite de Vasconcelos

* Arqueóloga, Gabinete de Arqueologia, Conservação e Restauro, Câmara Municipal de Silves. Investigadora Integrada do CEAUCP.

** Doutor em Antropologia Social e Histórica (E HESS Paris), Professor (ISMAT). Investigador Integrado do CHAM.

ABSTRACT

Pedro Paulo Mascarenhas Júdice (1875-1944) was an agronomist from Silves, who was deeply interested in the town's history and in the protection of its monuments. Under unknown circumstances, he became acquainted with José Leite de Vasconcelos, of whom he has been friends with for about 23 years. This fact is confirmed by the exchanged correspondence between them, which is kept in the National Museum of Archaeology's library. During this time, the benefactor from Silves donated a significant amount of antiquities to the Portuguese Ethnological Museum, which not only came from Silves, but also from other locations in the Algarve. Mascarenhas Júdice ended up seeing his collected items displayed in a showcase in that museum. Amongst the pieces he offered, there is a small slate mould of an amulet containing an Arabic inscription, which up till now had not been disclosed.

In this paper, besides referring to some curiosities taken from Mascarenhas Júdice's letters to Leite de Vasconcelos, we present the mentioned object, a reading suggestion of it and the inscription's translation, as well as its sociocultural and typological contextualization.

Keywords: Silves – Islamic – Mould – Amulet – José Leite de Vasconcelos

1. INTRODUÇÃO

Desde cedo que as monumentais torres do Castelo e da cerca da Almedina, a velha catedral gótica ou a vetusta ponte sobre o Arade, testemunhando a longínqua história da cidade de Silves, terão despertado o interesse de meros curiosos ou investigadores mais abalizados (fig. 1).

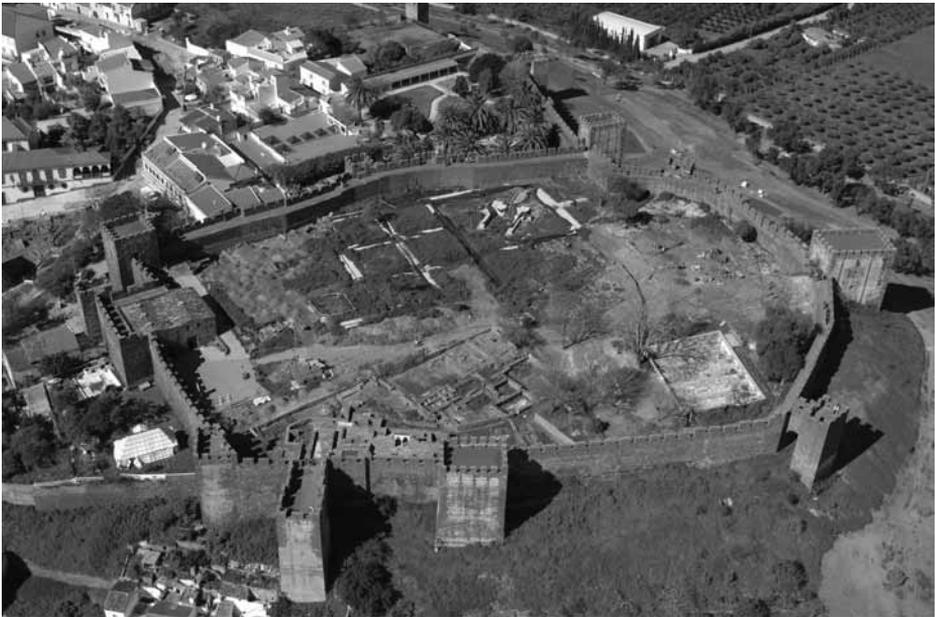


Fig. 1 – Foto aérea do castelo de Silves.

De provável formação anterior à chegada de grupos muçulmanos (Gonçalves, 2008a, p. 37), o núcleo urbano, que se situa sobre uma pequena elevação na margem direita do Rio Arade, conhece grande crescimento durante os cinco séculos de dominação islâmica, tendo sido capital de *Kura* durante o califado Omíada e reino independente, detentor de um vasto território, durante as várias fases *taifa*.

O protagonismo da cidade de Silves não é ignorado nas histórias gerais de Portugal, que se vão escrevendo e é, até por vezes, motivo de investigação de carácter monográfico¹, sobretudo no que ao período de dominação islâmica diz respeito.

Até aos finais dos anos 70, inícios da década de 80 do século XX, altura em que José Luís de Matos, Caetano de Mello Beirão e Mário Varela Gomes dedicam atenção à cidade e região de Silves, a investigação arqueológica é muito pontual. De referir apenas, a incursão por Silves de Estácio da Veiga que efectua duas pequenas intervenções, na “Cisterna dos Cães” (castelo) (Veiga, 1887, p. 361-362) e no Ilhéu do Rosário, situado a curta distância da cidade, na confluência entre o rio Arade e a ribeira de Odelouca (Veiga, 1887, p. 350; Gonçalves, 2007, p. 424). Por outro lado, durante todo o século XX, a cidade vai sendo dotada de infra-estruturas, bem como vão ocorrendo muitas obras de carácter público e privado, que amiúde resgatam do subsolo artefactos do passado. É com esses materiais que se vão constituindo colecções, como a de Pedro Paulo Mascarenhas Júdice, esta felizmente doada ao então *Museu Etnológico Português* e não fragmentada ou vendida como sabemos ter sucedido com outras.

2. PEDRO PAULO MASCARENHAS JÚDICE E JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Pedro Paulo Mascarenhas Júdice (14.04.1875 – 28.07.1944), natural de Silves, Engenheiro Agrónomo de formação académica, detentor de vários cargos públicos, historiador e coleccionador de antigualhas, foi um dos 3727 correspondentes que Leite de Vasconcelos coligiu ao longo da sua vida, à frente do, sucessivamente designado, Museu Etnográfico Português, Museu Etnológico Português e Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos.

A leitura da documentação epistolar não permite conhecer as circunstâncias em que se terão conhecido. Parece-nos, contudo, provável, que o interesse de Mascarenhas Júdice pela história da sua cidade natal possa tê-lo levado a tomar a iniciativa, pois sabemos tratar-se de pessoa persistente na perseguição dos seus intentos, nos quais constaria, indubitavelmente, o conhecimento do passado da cidade de Silves. Poderá ter sido a vontade de desenvolver actividade no âmbito

¹ Vejam-se os diversos trabalhos de Garcia Domingues.

da investigação histórica, muito em voga entre as classes cultas da época, que terá levado a que o mesmo mantenha com Leite de Vasconcelos uma relação, que a correspondência trocada testemunha ter ocorrido, pelo menos, durante 23 anos (1910 a 1933).

A primeira carta de Mascarenhas Júdice conservada, datada de 10 de Dezembro de 1910 (CoR JLV 10682), acusa recepção de outra de 6 do mesmo mês, bem como agradece a oferta de *O Archeologo Português*, do qual manifesta querer tornar-se assinante. Alude a uma listagem de objectos que Leite de Vasconcelos lhe terá pedido, prometendo diligenciar no sentido de obter, “esses e outros do mesmo género”. Solicita ainda que lhe seja enviado um número recente de *O Archeologo Português*, que incluía artigo sobre a Cruz de Portugal², informando que tem escrito alguns artigos sobre “antiguidades de Silves”, tendo começado pela Sé, depois pelo Castelo, a que se seguirá a Cruz de Portugal, etc.

Na carta seguinte, datada de 16 do mesmo mês (CoR JLV 10683), Mascarenhas Júdice já agradece o envio do número de *O Archeologo Português* que incluía o artigo sobre a Cruz de Portugal, revelando, de parte a parte, eficiência e vontade de corresponder rapidamente aos pedidos que cada um formulava.

Nas cartas seguintes, produzidas em Fevereiro (CoR JLV 10684) e Junho de 1911 (CoR JLV 10685), Pedro Paulo Mascarenhas Júdice refere-se aos artigos que tem escrito para jornais sobre os monumentos da cidade de Silves, que envia a Leite de Vasconcelos, pedindo-lhe opinião sobre o conteúdo dos mesmos. Na última das duas cartas, evidencia a sua intenção de publicar um trabalho de 150 páginas, com o título “Atravez de Silves – I Parte – Sé, Castello, Cruz de Portugal, Pelourinho”. Pede ainda ao “mestre” que proceda à análise do trabalho, que lhe enviará, bem como autorização para, no aludido, publicar a apreciação que do mesmo fará.

Este livro veio a ser publicado, no ano de 1911, com o título referido e a inclusão da carta de Leite de Vasconcelos (Júdice, 1911), constituindo a primeira de três publicações de índole histórica, produzidas pelo silvense Mascarenhas Júdice e o primeiro trabalho monográfico, sobre os mais importantes monumentos da cidade então conhecidos³. Na carta referida, Leite de Vasconcelos evidencia a importância de se produzir localmente este tipo de trabalhos monográficos, enfocando a necessidade de serem rigorosos e se basearem em documentos originais: *Com bastante prazer li os artigos que V. me enviou, publicados n’O Silvense”, acerca da sé e castello de Silves. Acho nelles valiosas noticias, escritas de mais a mais com o enthusiamo*

² Cruzeiro quinhentista, classificado como monumento nacional desde 1910 (Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo, n.º 136, de 23 de Junho de 1910), ao que consta, por pressão do próprio Pedro Paulo Mascarenhas Júdice (Ribeiro, 2004, p. 26).

³ Em 1934, Pedro Mascarenhas Júdice publica “A Sé e o Castelo de Silves” e, em 1937, “Silves e os seus arredores”.

e a sinceridade de quem ama intimamente a terra em que nasceu, e cujos monumentos deseja ver salvos do esquecimento e da total ruína (à época, ainda se não tinham implementado os trabalhos de restauro, ocorridos nos anos 40 e tanto o Castelo como a Sé se encontravam em muito mau estado de conservação (fig. 2).

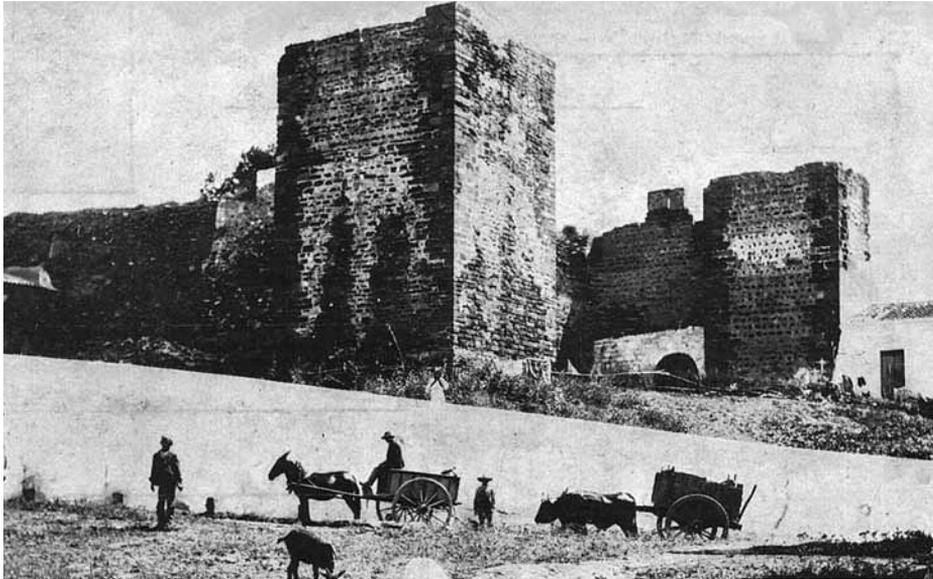


Fig. 2 – Foto da entrada do Castelo de Silves no início do séc. XX.

Se, como é de esperar, V. proseguir, animado do mesmo ardor, e com o método adoptado até aqui, chegará a formar uma verdadeira monographia silvense, que muita honra dará a V. e aos seus patrícios.

Já, felizmente, no nosso país há numerosas monographias d'este género; mas a quantas povoações importantes não falta ainda um chronista? Útil seria preencher todas as lacunas ora existentes, e que os respectivos investigadores, ao mesmo tempo que, sem prolixidade, fossem mais minuciosos possível, não somente se encerrassem na área escolhida por eles, evitando dilatar-se por fora em considerações descabidas, e para os quaes ás vezes lhes faltam elementos, mas baseando-se sempre em documentos, tanto quanto possível originaes, as afirmações que fizessem. — V. ven, pela parte que lhe concerne, dizer o que sabe de Silves. Cumpre-me felicita-lo pela nobre empresa que tomou em seus ombros, e juntamente agradecer-lhe a confiança com que me pediu a minha modesta opinião...

Ainda na carta de Junho de 1911, Pedro Paulo Mascarenhas Júdice referiu-se à existência de “coisas antigas” na Praia de Quarteira, convidando Leite de Vasconcelos a ali se deslocar e oferecendo a hospitalidade de um irmão residente

em Olhão, convite que Leite de Vasconcelos aceitará. Curiosamente, é também o estudioso silvense que em 1917 refere a José Leite de Vasconcelos a descoberta, pelo Sr. Marvila de Portimão, de um pavimento em mosaico romano, na zona da Abicada, convidando-o para ali se deslocar (CoR JLV 10694), o que vem a acontecer. Trata-se, naturalmente, da *villa* romana da Abicada, de que Leite de Vasconcelos dá notícia n' *O Archeologo Português* (1918, p. 128), nos seguintes termos: *A quinta da Abicada dista de Portimão 7 km e jaz fronteira à Mexilboeira Grande. Nesta quinta encontrou o Sr. Maravilhas um belo mosaico que forra o chão de um compartimento rectangular..., de cujo restam vestígios em toda a volta. O mosaico é policromo... Junto do referido compartimento ha um maior, também com mosaicos, de desenhos diferentes, destruído em parte; e quasi contiguo vê-se um terceiro fragmento de mosaico. Respectivamente á distancia de 20 e 100 metros ha mais alicerces de casas, mas talvez sem mosaicos.*

Na correspondência trocada durante este ano de 1911 os assuntos versam pormenores inerentes à publicação do livro de Mascarenhas Júdice sobre os monumentos de Silves, com excepção da de 16 de Junho (CoR JLV 10686), que refere uma “cabrinha” e uma “santa” (fig. 3), que diz ter gostado de ver expostos no Museu de Belém, quando ali se deslocou. Trata-se de objectos por si doados, com atribuição cronológico-cultural à II.^a Idade do Ferro (Silva e Gomes, 1992, p. 183) e que hoje integram as colecções do MNA⁴. Pedro Paulo Mascarenhas Júdice dedicava-se agora a recolher em Silves antigualhas, que doava depois ao *Museu Etnológico Português*.

As cartas que se seguem datam de cerca de seis anos depois. As de 23 de Março (CoR JLV 10690) e de 30 do mesmo mês (CoR JLV 10691) referem-se à intenção do agrónomo silvense de depositar no Museu cerca



Fig. 3 – Escultura em Bronze – Col. MNA – Exposta no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

⁴ A designada “Santa” encontra-se cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia ao Museu Municipal de Arqueologia de Silves, e integra a exposição permanente do referido Museu.

de 500 moedas que reunira. Nesta última carta, menciona ainda que em Silves se andam a escavar algumas ruas para colocação de canalizações de esgoto, e que recomendou que procedessem cuidadosamente com os objectos antigos que encontrassem. Refere ainda ter em seu poder uma “candeia árabe em forma de bico de pato” e a promessa que lhe fora feita, de lhe entregarem “uns objectos metálicos”.

As cartas seguintes, escritas no mesmo ano de 1917, abordam de novo a dádiva das moedas, cuja entrega ao Museu, Mascarenhas Júdice resolve adiar, por ter decidido proceder ao seu estudo, “tendo para tal adquirido já alguns livros” (CoR JLV 10692).

A primeira comunicação de 1918, datada de 2 de Fevereiro (CoR JLV 10696), permite inferir sobre a ida de Leite de Vasconcelos ao Algarve, no ano anterior, e o facto de se ter alojado na casa de Silves do amigo Júdice. A mesma responde a carta do director do museu de Lisboa solicitando uma “esfinge, boneca ou anjo”, que terá visto na varanda da casa de Mascarenhas Júdice (fig. 4). A tal pedido acede Mascarenhas Júdice, informando, porém, que deseja

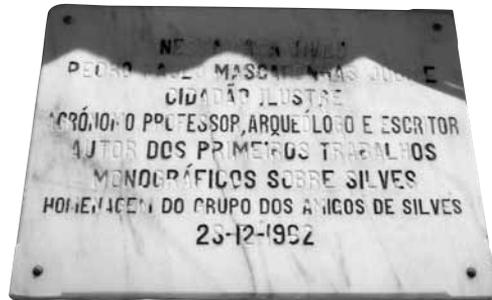


Fig. 4 – Casa onde viveu Pedro Paulo Mascarenhas Júdice – Placa evocativa.

manter-se seu proprietário, tal como no futuro sucederá com outros depósitos. Solicita ainda que lhe seja enviado documento comprovativo do depósito. O envio do documento solicitado é comprovado pela comunicação de 7 de Maio do mesmo ano (CoR JLV 10698), na qual o algarvio acusa a sua recepção.

O objecto em questão é um fragmento de esfinge, de origem desconhecida, dado que, como se viu, a documentação associada ao seu depósito não se refere à sua proveniência. À mesma foi atribuída uma cronologia em torno ao séc. VI a.C. (Silva e Gomes, 1992, p. 151; Gomes e Gomes, 2001, p. 35) e uma hipotética produção peninsular (Silva e Gomes, ob. cit.) ou mesmo importação (Gomes e Gomes, ob. cit.). A escultura destinava-se a encimar túmulo onde assumiria carácter apotropaico e protector do defunto (Silva e Gomes, ob. cit.; Gomes e Gomes, ob. cit.). O objecto integra as colecções do MNA e encontra-se depositado no Museu Municipal de Arqueologia de Silves (fig. 5).

Durante os anos de 1920 e 1921, a correspondência mantém-se a bom ritmo e na mesma se tratam, fundamentalmente, assuntos inerentes ao depósito de peças que o benemérito silvense vai efectuando. A reunião de todos estes objectos dará lugar à existência de uma vitrina no Museu, onde todos eles se expõem, para gáudio de Pedro Paulo Mascarenhas Júdice.

É no âmbito desta relação quase rotineira que se implementa, que o agrónomo e “historiador” silvense procede, julgamos que em 1920, ao depósito de um objecto que assim é identificado na correspondência (CoR JLV 10700): *...Na última vez que estive no Museu esqueci-me de pedir a V. Exa. que, depois do Sr. Dr. David Lopes fazer a tradução para português dos dizeres árabes da placa de schisto que ultimamente deposei no Museu Ethnologico, me diga qual a significação daqueles dizeres, e seria essa ocasião oportuna para V. Exa. ter a bondade de perguntar ao Dr. David Lopes quais as fontes históricas a consultar para fazer o estudo de Silves no tempo do domínio árabe, nessa época a mais importante cidade da península hispânica...* Esta comunicação é enviada de Silves no dia 3 de Maio de 1920 e, a 17 do mesmo mês, já Pedro Paulo Mascarenhas Júdice está a escrever a Leite de Vasconcelos



Fig. 5 – Fragmento de Esfinge. Col. MNA – Exposta no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

para acusar a recepção da sua resposta, datada de 5 do mesmo mês. É surpreendente a rapidez da circulação do correio, tal como a de Leite de Vasconcelos a dar resposta à sua correspondência. Nesta carta de 17 de Maio (CoR JLV 10701), Mascarenhas Júdice informa ainda o director do Museu de Belém de ter recebido carta do Dr. David Lopes, na ...*qual ele me declara sobre a inscrição da placa de schisto por mim depositada no Museu Ethnológico nada poder dizer-me ainda, porque não tem podido ir ao Museu, que afirma ser longe demais para ele, indicando-me algumas fontes históricas de Silves...*

É evidente o interesse de ambos na leitura e tradução da epígrafe inscrita no molde, contudo, a correspondência conservada, que consta de mais quinze comunicações, a última delas do ano de 1933, não volta a aludir-lhe. As últimas cartas são bastante mais espaçadas no tempo. Nos últimos oito anos, apenas se registam seis e o tom amistoso e até entusiástico inicial é substituído por um discurso cordial mas mais distante. Parece-nos que a relação próxima que se instituiu no início da década de 20, com frequentes visitas de Mascarenhas Júdice a Belém, se dissipa na década seguinte. É provável que os enormes afazeres que tinha Leite de Vasconcelos não lhe deixassem dedicar a Mascarenhas Júdice o tempo que este julgava merecer. A correspondência da fase final evidencia algum queixume nesse sentido e, a menos que se tivesse perdido, não existe documentação epistolar desde 1933 até à morte de ambos, ocorrida em 1941 (Leite de Vasconcelos) e 1944 (Pedro Paulo Mascarenhas Júdice).

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

O uso de objectos de invocação divina, aos quais se associam atributos profiláticos, é uma prática ancestral, não rara no meio popular muçulmano. Estes objectos podem assumir diferentes morfologias, surgir em suportes físicos diversos, mas ter subjacentes os mesmos fundamentos da religião.

Desde logo, devemos fazer distinção entre amuleto e talismã, conceitos que muitas vezes surgem como designação da mesma realidade. Talismã aparece na língua árabe sob a forma *Talsam*, contendo geralmente símbolos, letras ou números sem significado aparente. Trata-se de um produto codificado, cujo significado é apenas do conhecimento de quem o produziu ou de quem, de algum modo, se encontre envolvido no “mundo do oculto”. Amuleto, por seu turno, surge na língua árabe sob a forma *Ruqiya* que, literalmente, no dicionário *Lisân al-Arab* significa “dar serenidade”. A extensão do sentido passou a designar “protecção”. Os *Ulama* – juristas muçulmanos – distinguem entre três tipos de *Ruqiya*: a *Ruqiya Shar'iyya* (= permitida, oficial); a *Ruqiya Bid'iyya* (= inovação

censurável); *Ruqiya Shirkīyya* (= pagã, é o próprio objecto que é venerado e não Deus por seu intermédio)⁵.

Estes amuletos surgem sob vários suportes físicos. O papel, em regra guardado no interior de pequenos rolos metálicos ou dentro de placas metálicas dobradas, será o mais vulgar. Outros materiais nobres poderão, todavia, ser utilizados pelos grupos de maiores recursos. As placas metálicas, de formas diversas, são também comuns e as que mais frequentemente surgem nos depósitos arqueológicos. De entre os metais, o chumbo é o mais usual, não só por ser um recurso acessível, de baixo custo, fácil de moldar e de maior durabilidade, como também porque ao chumbo, (em árabe *Rasâs*), tradicionalmente os muçulmanos atribuem qualidades divinatórias, psíquicas e terrestres (Chebel, 1995).

Os amuletos devem ser transportados ao peito de quem se quer proteger contra maus-olhados (*al-`Ayn*), magia negra (*Sibr*) e má sorte (*Nabs*). Por isso, na maioria das vezes são dotados de aros de suspensão que permitem a sua colocação ao pescoço. São, contudo, conhecidos exemplares que Gonzalbes Cravioto (2005, p. 9) inclui nos amuletos estáticos. Tendo como justificação a associação de um destes amuletos a uma sepultura da necrópole islâmica de Rincón de la Victória – Málaga, infere como sendo prática corrente a colocação destes objectos protectores junto dos defuntos, no âmbito da tradição hispano-romana. No entanto, a análise antropológica pode, para tal, sugerir outra interpretação. Nas crenças populares islâmicas, será natural para um muçulmano, quando confrontado com um destes objectos no seu caminho, que o vá depositar num cemitério de modo a neutralizar o seu “poder”, seja ele maléfico ou benéfico. Para além disso, o texto sagrado não permite a associação de objectos ao defunto.

Os objectos a que nos temos vindo a referir, quando produzidos em metal, são maioritariamente executados com recurso a um molde de pedra, do tipo compósito, onde é esculpida a forma e o texto ou simbologia que deve comportar.

4. O MOLDE DE SILVES

4.1. Antecedentes

Para além da menção ao molde de Silves, designado por “placa de schisto” na correspondência trocada entre Pedro Paulo Mascarenhas Júdice e José Leite de Vasconcelos, que nos leva a crer que David Lopes não chegou a tentar a leitura do molde de Silves, este é mencionado por José Domingues Garcia Domingues

⁵ Sobre esta problemática – talismãs e amuletos, ver Hames, 2007.

(1957, p. 113). É apresentada uma imagem de uma moldagem efectuada em material indeterminado, sob a qual se encontra a seguinte legenda: “Moldagem com forma de talismã (A forma encontra-se no museu Etnológico Português)”. O artigo no qual a imagem é incluída reporta-se a uma lápide encontrada em Silves, comemorativa da construção de uma torre em 1227 e, para além da imagem da moldagem referida, não há no texto qualquer outra alusão ao objecto em questão.

O facto de sobre o molde ter sido experimentada uma moldagem sugere a preocupação de projectar um positivo, que facilitasse a leitura da inscrição. A ausência dessa leitura no artigo em causa, ou noutros trabalhos posteriores de Garcia Domingues, talvez traduza a dificuldade que o arabista encontrou na leitura do que ali se encontrava inscrito.

O objecto em apreço, pela sua raridade e bom estado de conservação, é incluído na exposição “Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo”, mas no catálogo, então editado, mantém-se por efectuar a leitura da epígrafe que encerra (1998, p. 267).

4.2. Descrição, tecnologia e funcionalidade

Trata-se de parte de um molde compósito, em ardósia de cor negra, forma paralelepípedica e faces bem polidas. Mede 55 mm de comprimento, 36 mm de largura e 9,6 mm de espessura.

Numa das faces ostenta esculpido um negativo de medalhão, encerrado por duas linhas circulares, que apresentam entre elas vários conjuntos de quatro finas linhas paralelas incisadas. O seu interior é preenchido por cinco linhas de caracteres árabes e a parte superior encimada por dois aros para suspensão do objecto moldado (fig. 6). A outra face apresenta-se mais polida, mas deixa perceptível parte de um outro motivo esculpido, de iguais características, embora este se encontre orientado horizontalmente face ao rectângulo onde se insere (fig. 7). Nesta face são visíveis resíduos de uma substância de cor avermelhada, compatível com cera, que sugere uma moldagem experimental ou a utilização do objecto como selo de lacragem. O facto desta face apresentar apenas parte do modelo esculpido levou a equacionar a hipótese de se tratar de um acto falhado. Contudo, a existência do sulco para entrada do metal líquido remete para o possível desgaste desta face do molde e o aproveitamento posterior da outra face.

Também a primeira face referida ostenta um sulco profundo, rasgado na superfície do molde, de forma tendencialmente trapezoidal, estendendo-se desde a extremidade do objecto até aos círculos. Em ambas, são ainda observáveis quatro perfurações, posicionadas nos cantos do objecto que, de acordo com outros seus



Fig. 6 – Face esculpida do molde de Silves.



Fig. 7 – Face com vestígios de medalha esculpida.

similares (Gonçalves, 2008), receberiam quatro cavilhas metálicas em chumbo que, no caso, estariam incrustadas na outra parte do molde, permitindo que os dois se ajustassem, num sistema do tipo macho-fêmea.

Este objecto moldaria uma medalha amuleto, com cerca de 24,3 mm de diâmetro e andaria suspenso ao pescoço de alguém a quem deveria assegurar protecção divina.

A observação macroscópica dos rasgos permite duvidar da existência de resíduos do metal que moldava, que analisados quimicamente, permitissem perscrutar a sua composição. A projecção, através do molde, do objecto moldável viabiliza, porém, a comparação com outros objectos da mesma tipologia, habitualmente executados em chumbo.

4.3. Proposta de Leitura

Para facilitar a transcrição dos caracteres inscritos no molde trabalhamos uma foto do mesmo, com recurso a programa informático de desenho, acentuando contrastes, invertendo-a e colocando-a em negativo (fig. 7). A transcrição efectuada a partir da imagem é a que se apresenta na fig. 8.

É de observar que no texto do molde se encontram ausentes os pontos diacríticos – presentes na transcrição informática – bem como os símbolos que correspondem à vocalização.

Salientamos ainda que a última palavra da segunda linha, por insuficiência de espaço, surge cortada, tendo continuação na linha seguinte. Na 2.ª linha observamos “الجبر” e no início da 3.ª linha “وت”.

4.4. Proposta de tradução

“Peço a protecção do Poderoso, do Onnipotente e remeto-me inteiramente à vontade do Vivo, do Eterno (no texto = do que não morre)”

Algumas palavras desta frase aparecem no texto corânico⁶, por exemplo, os nomes divinos (*Dhî al-‘izza* = o Poderoso; *al-Jabarût* = Onnipotente; *al-Hayy* = Vivo). Encontramos partes desta frase também nalguns ditos atribuídos ao profeta do Islão, Muhammad (séc. VII), por exemplo, *Sabîd Muslim*, *Sunan Abî Dâwûd*, etc., mas também nalgumas orações de homens-santos (*awliya* – sing. *wali*)⁸, como

⁶ Ver diferentes versículos do Corão, na tradução dos sentidos do texto Corânico de José Pedro Machado (1980).

⁷ Duas compilações de *hadith* (ditos do profeta).

⁸ Literalmente, *wali* significa “amigo de Deus”. Os habituais processos de canonização que se verificam na religião católica não têm lugar na religião muçulmana, onde apenas se verifica o reconhecimento divino, profético e social.



Fig. 8 – Foto molde invertida.

حصد ح
 العره والكسر
 ود و توكلت
 على الحي الح لا
 يموت

Fig. 9 – Transcrição do texto.

por exemplo, Abî al-Hassan Ash-Shâdhubî (séc. XIII), nos seus *Abzâb - Al-Wazîfa al-Qudsiyya Ash-Shâdhiliyya* e Ahmad al-Badawî, no seu *Hizbo al-dir' al-matîn*.

Esta frase de carácter apotropaico inicia-se pelo verbo *Tabassantu*, cuja raiz HSN significa, literalmente, “pedir protecção” – da mesma raiz provém o substantivo *Hisn*, que designa fortificação.

تحصنت بذي
 العزة و الجبر
 وت و توكلت
 على الحي الذي لا
 يموت

A frase, na sua totalidade, transmite um abandono total a Deus, sem condição. Frente à ignorância e à fraqueza do ser humano, na sua vida actual ou futura, este remete-se à protecção divina, tal como determina a sentença islâmica – “os olhos humanos não podem ver tudo, os olhos de Deus vêem tudo”.

4.5. Comentário caligráfico

Trata-se de caligrafia do tipo Kufi Andalusi Maghribi, variante regional do cúfico, desenvolvida no Ocidente islâmico – Norte de África e al-Andalus.

O estilo Kufi é uma evolução do estilo Hijâzî, que nasce na Península Arábica e, depois de alcançar a cidade de Kufa foi melhorado, dando origem ao estilo conhecido como Cúfico (sécs. VIII-IX). Este estilo passou ao Ocidente islâmico e sofreu influências endógenas, levando a que, por vezes, nos refiramos a Kufi Andalusi – a que se constitui no al-Andalus –, e a Kufi Andalusi Maghribi, para designar a que sofreu as influências dos contactos entre o al-Andalus e o Norte de África.

No estilo Kufi Andalusi Maghribi, a letra *Ya* escreve-se “”, no estilo Kufi Andalusi, a mesma letra tem a seguinte forma gráfica “”⁹. Também a letra *Kaf*, representada no texto (fig. 10), permite estabelecer a diferença entre os dois estilos caligráficos, uma vez que a sua parte superior surge aqui mais inclinada, enquanto no Kufi Andalusi ela é habitualmente representada com maior verticalidade (fig. 11).



Fig. 10 – *Kaf* andalusi maghribi.



Fig. 11 – *Kaf* andalusi.

4.6. Enquadramento cronológico-cultural

O recurso ao processo tecnológico, no qual se inclui o molde de Silves, remonta à Idade do Ferro, tendo sido muito utilizado no período romano para a moldagem de objectos diversos (Alarcão, 2004, p. 64), razão porque não pode ser utilizado como pista para atribuição de uma cronologia. Assim, e, dado que se desconhece o contexto de proveniência do molde, a sua atribuição cronológico-cultural apenas se poderá determinar com base na tipologia do objecto e na caligrafia utilizada.

Para o período de dominação islâmica, o número de exemplares de moldes em ardósia conhecidos é muito escasso e, exceptuando o exemplar de Beja (Marinho, 1970, p. 294; AAVV, 1998, p. 277), que moldaria medalhões-amuleto semelhantes ao de Silves, ou ao de Pias (Soares, 1992, p. 219; *Portugal islâmico*, 1998, p. 266), com uma forma rectangular, todos os outros moldavam objectos de adorno, sobretudo brincos. Os objectos moldados por este tipo de moldes, porém, são um pouco mais frequentes mas, em regra, integram colecções particulares ou de

⁹ Por razões de formatação do texto, esta letra neste estilo deveria ter uma forma geométrica mais acentuada, o que não sucede.

museus, e não têm associada qualquer informação contextual. Outros, ainda que encontrados no âmbito de trabalhos arqueológicos, surgem de contextos não fiáveis, em nada contribuindo para a definição de cronologias.

Se atentarmos no tipo de caligrafia, do tipo Kufi Andalusi Maghribi, podemos atribuir a este molde uma cronologia que medeia entre o séc. XI e o séc. XII, período em que esta variante regional do cúfico se desenvolveu e se afirmou no al-Andalus.

5. ANÁLISE DE SISTEMATIZAÇÃO

5.1. Outros exemplares de moldes em ardósia

Os moldes em ardósia provenientes de contextos islâmicos são em número muito diminuto e, maioritariamente, destinam-se à moldagem de objectos de adorno. O levantamento que efectuamos com base na bibliografia a que tivemos acesso permitiu-nos identificar apenas três moldes no território português: o de Pias (Soares, 1992, p. 219-220; *Portugal islâmico*, 1998, p. 266), que numa face moldaria uma placa amuleto rectangular e na outra pequenos brinco; o de Beja (Marinho, 1970, p. 287; *Portugal islâmico*, 1998, p. 267), que moldaria uma medalha-amuleto, sendo o que, tipologicamente, mais se aproxima do de Silves; e um outro de Silves (Gonçalves, 2008), que em ambas as faces ostenta esculpidas pequenas argolas do tipo de uma das faces do de Pias. Tivemos oportunidade ainda de visualizar um outro molde que moldaria pequenos objectos de adorno, proveniente de Mértola, bem como tivemos conhecimento de um outro molde proveniente de Faro¹⁰, que infelizmente não se consegue localizar nas reservas da Universidade do Algarve, onde se encontraria depositado.

5.2. Formas e tipos de amuletos e o enquadramento do molde de Silves

A pesquisa de trabalhos de sistematização deste tipo de moldes resultou absolutamente infrutífera. Já quanto aos objectos moldáveis, sobretudo os amuletos, encontrou-se um estudo tipológico recente (Gonzalbes Cravioto, 2005), que nos permitiu ter contacto com uma diversidade formal muito alargada. A tipologia referida encerra dois grandes tipos, dividindo-se cada um num número elevado de subtipos. A diferença entre os dois grandes tipos reside na existência ou ausência de elementos de suspensão. O tipo I ostenta elementos de suspensão e destinar-se-á a ser dependurado ao pescoço de quem se quer ver protegido, o tipo

¹⁰ Comunicação pessoal de Teresa Júdice Gamito e António Medeiros Rodrigues.

II não possui elementos de suspensão e, segundo o autor, serviria para proteger as casas e as sepulturas (ob. cit., p. 15).

No tipo I incluem-se placas rectangulares, circulares, em crescente, formas paralelepípedicas, prismáticas, trapezoidais, cilíndricas, em forma de ânfora, de selo, imitações de moedas, de campainha ou, mais raramente, formas zoomórficas (ob. cit., p. 11). No tipo II surgem também formas simples, como placas rectangulares e circulares, mas mais frequentemente, formas antropomórficas, zoomórficas, representações de espadas, pontas de lança, flechas, etc. (ob. cit., p. 14).

Os amuletos moldados pelo molde de Silves inserir-se-iam no tipo I.A.b – Circulares com aros para suspensão.

5.3. Levantamento do tipo de mensagens

Com base nos poucos exemplares de moldes ou amuletos conhecidos no território português, efectuamos ainda um levantamento das inscrições contidas, que apresentamos no quadro I, e que corroboram o recurso maioritário à evocação de frases corânicas de sentido protector.

QUADRO 1
Moldes de amuleto ou amuletos identificados em Portugal

Proveniência	Suporte	Texto	Tipo Caligrafia	Cronologia	Bibliografia
Pias (Serpa)	Molde	Sura 112 [ele não engendrou] e não foi engendrado. [Ninguém] é igual a Ele!...	Cúfico	Pós-Islâmico? Contexto Almóada?	Soares, 1992, p. 219-220; <i>Portugal islâmico</i> (AGMB), 1998, p. 266
Beja	Molde	Texto não lido ou traduzido	Cursiva		Marinho, 1970, p. 287 <i>Portugal islâmico</i> (AGMB) 1998, p. 267
Silves	Molde	Peço a protecção do poderoso, do omnipotente e remeto-me inteiramente à vontade do vivo, do eterno (no texto = do que não morre)	Cúfico "magrebi"	Sécs. XI-XII	Inédito

S. Brás de Alportel	Amuleto	Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso Ala atesta que não há outra divindade Senão Ele (o que atestam também) os anjos e os detentores da ciência, (Ele é) cumpridor da justiça, não há outro Deus senão Ele O poderoso, O Sábio	Cúfico "magrebi"	Finais do séc. XI, inícios do séc. XII	Pereira e Khawli, 2008
S. Brás de Alportel	Amuleto	Em nome de Deus, o Clemente o Misericordioso. Diga Deus é Único, Deus é Absoluto Não gerou E não foi gerado e nada há que Lhe assemelhe...	Cursiva naskhî	Almóada	Pereira e Khawli, 2008

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da leitura da documentação epistolar de Leite de Vasconcelos¹¹ depreende-se que parte importante do seu sucesso como director de um museu e como investigador se terá devido às boas e profícuas relações que estabeleceu com pessoas interessadas no conhecimento histórico e na salvaguarda de objectos provenientes de um passado, mais ou menos longínquo, espalhadas por todo o país. É nesse âmbito e nessa qualidade que o silvense Pedro Paulo Mascarenhas Júdice com ele se relaciona desde 1910, numa primeira fase de forma reciprocamente entusiástica, depois de forma mais distante. Pedro Paulo Mascarenhas Júdice é mesmo um dos grandes impulsionares de algumas deslocações de Leite de Vasconcelos ao Algarve, no ano de 1917. Na década de 30, a correspondência é muito pontual e, se para a publicação da sua primeira obra monográfica sobre os monumentos de Silves, Pedro Paulo pede a Leite de Vasconcelos para escrever uma espécie de prefácio, para os trabalhos que publica em 1934 e 1937 abdica

¹¹ Ver *Epistolário de José Leite de Vasconcelos*, coord. Lúcia Coito.

dos comentários do “mestre”. A total interrupção na troca de correspondência, a partir de 1933, quando tantos interesses comuns uniam os dois homens, faz suspeitar da possibilidade de alguma incompatibilidade, embora não seja de desprezar que os caminhos de ambos apenas se tenham separado, como tantas vezes na vida sucede entre bons amigos.

Do estudo do molde depositado por Pedro Paulo Mascarenhas Júdice no *Museu Etnológico Português* apresentam-se propostas de leitura e tradução possíveis, colmatando uma lacuna de tantas décadas e um desejo tão ardente daquele estudioso silvense.

De reter, a raridade destes objectos em território português, e mesmo peninsular, e uma ausência constrangedora de estudos a eles atinentes. Por ora, resta-nos esperar que este pequeno trabalho contribua, de algum modo, para despertar a atenção de arqueólogos, historiadores e linguistas para este tipo de objectos, portadores de importante informação histórica, sociológica e cultural, relativa ao mundo islâmico antigo.

AGRADECIMENTOS

MJG agradece ao Dr. Luís Raposo o honroso convite para estudo e publicação do molde, também à Dra. Lúvia Coito as facilidades concedidas no acesso à correspondência de Pedro Paulo Mascarenhas Júdice para José Leite de Vasconcelos. À Doutora Susana Gómez-Martínez agradece as sugestões de leitura e à Dra. Filipa Medeiros a disponibilização de bibliografia solicitada à Biblioteca do Campo Arqueológico de Mértola. Ainda à Doutora Susana Gómez-Martínez, Dra. Lígia Rafael e Dra. Rute Fortuna se agradece o acesso ao molde de Mértola.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (2004) – Introdução ao estudo da tecnologia romana. *Cadernos de Arqueologia e Arte*. Coimbra. 7.

ALCORÃO. Trad. e anotações de José Pedro Machado (1980). Lisboa: Junta de Investigação Científica do Ultramar.

CHEBEL, M.(1995) – *Dictionnaire des Symboles Musulmans*. Paris: Albin Michel ed. Entrada: Plomb.

COITO, L. C., int. (1999) – *Epistolário de José Leite de Vasconcelos* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplemento a *O Arqueólogo Português*; 1).

- DOMINGUES, J. D. G. (1958) – Novos aspectos de Silves árabe. *Gil Vicente*. Guimarães. 2.^a série, vol. III.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2001) – *Palácio Almóada da Alcáçova de Silves*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Silves: Câmara Municipal. Catálogo.
- GONÇALVES, M. J. (2007) – Arqueologia no Concelho de Silves. O contributo pioneiro de Estácio da Veiga. *Xelb*. Silves. 7. p. 421-434. Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006.
- GONÇALVES, M. J.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. de F. (2008) – Um molde islâmico de um arrabalde da cidade de Silves. *Xelb*. Silves. 8, vol. II, p. 169-176. Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007.
- GONÇALVES, M. J. (2008a) – *Silves Islâmica – a muralha do arrabalde oriental e a dinâmica de ocupação do espaço adjacente*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Teoria e Métodos da Arqueologia. Faro: Universidade do Algarve (Documento policopiado).
- GOZALBES CRAVIOTO, C. (2005) – Un ensayo para la catalogación de los amuletos de plomo andalusíes. *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 12, p. 7-17.
- HAMES, C., coord. (2007) – *Coran et talismans – Textes et pratiques magiques en milieu musulman*. Paris. (CoRl. Homme et Société: Anthropologie).
- IBN MANZÛR (1990) – *Lisân al-Arab*. Beirute.
- JÚDICE, P. P. M. (1911) – *Atravez de Silves – I parte Sé, Castello, Cruz de Portugal e Pelourinho*. Silves: Typographia d'O Silvense.
- MARINHO, J. R. (1970) – Moedas de cobre da época muçulmana encontradas em Beja. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, vol. IV, p. 277-294.
- PEREIRA, A.; KHAWLI, A. (2008) – Dois amuletos islâmicos de S. Brás de Alportel. *Xelb*. Silves. 8, vol. II, p. 177-186. Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007.
- PORTUGAL ISLÂMICO. *Os últimos sinais do Mediterrâneo*. (1998). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo.
- RIBEIRO, A. da S. (2004) – *Individualidades notáveis de Silves e do seu concelho. Séculos XIX-XX*. Silves: Câmara Municipal.
- SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. (1992) – *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SOARES, A. M. M. (1993) – Um molde islâmico encontrado em Pias (Serpa). *Arqueologia Medieval*. Porto. 2. p. 219-220.
- TAWFIQ, I. (1987) – Evidencia de precintos y amuletos en al-Andaluz. In *Actas do II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid 19-24 de Janeiro de 1987*. Madrid: Asociación de Arqueología Medieval. Tomo II. p. 706-710.
- VASCONCELOS, J. L. de (1918) – Pelo Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. vol. XXIII, p. 104-138.
- VEIGA, S. P. E. (1887) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. II.

FONTES MANUSCRITAS

Acessíveis na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

JÚDICE, P. P. M.

[carta] 1910 Dez. 10, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1910. CoR JLV 10682.

[carta] 1910 Dez.16, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1910. CoR JLV 10683.

[carta] 1911 Fev. 21, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1911. CoR JLV 10684.

[carta] 1911 Jun. 5, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1911. CoR JLV 10685.

[carta] 1911 Jun. 16, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1911. CoR JLV 10686.

[carta] 1917 Mar. 23, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1917. CoR JLV 10690.

[carta] 1917 Mar. 30, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1917. CoR JLV 10691.

[carta] 1917 Abr. 04, Lisboa [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1917. CoR JLV 10692.

[carta] 1917 Ago. 28, Praia da Rocha [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1917. CoR JLV 10694.

[carta] 1918 Fev. 19, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1918. CoR JLV 10696.

[carta] 1918 Mai. 07, Lisboa [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1918. CoR JLV 10698.

[carta] 1920 Mai. 03, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1920. CoR JLV 10700.

[carta] 1920 Mai. 17, Silves [a] J. Leite de Vasconcelos. [Manuscrito]. 1920. CoR JLV 10701.